

**O QUE SE ENSINA E O QUE SE APRENDE NAS LICENCIATURAS EM ARTES
VISUAIS A DISTÂNCIA?**

**WHAT IS IT TAUGHT AND LEARNED IN VISUAL ARTS TEACHER EDUCATION
DISTANCE UNDERGRADUATION COURSE?**

Jurema Luzia de Freitas Sampaio¹

Resumo

Esta reflexão é parte do projeto da pesquisa de doutorado em Artes Visuais em desenvolvimento na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, intitulada “*O que se ensina e o que se aprende nas Licenciaturas em Artes Visuais a distância?*” e trás os desdobramentos desta investigação no período 2011/2012, com os devidos encaminhamentos das questões surgidas ao longo da pesquisa, que tem como objetivo realizar análise crítica de currículos de formação de profissionais de ensino de Artes Visuais nos cursos de licenciatura em Artes Visuais oferecidos na modalidade a distância. Este trabalho aponta os novos estudos e reflexões acerca das proposições transdisciplinares como base de construção um olhar questionador às práticas em Educação a Distância em Artes Visuais para formação inicial de professores, que se baseie em ambientes virtuais de aprendizagem e ocorra, se não total, prioritariamente por EaD. As proposições aqui tratadas não pretendem ser um fim em si mesmo, mas, ao contrário, se configuram como abertura de um diálogo propositivo acerca da multiplicidade de possibilidades que a visão transdisciplinar agrega à educação em geral e, em especial, às práticas em educação à distância para a formação de profissionais docentes em artes.

Palavras-chave: Arte/Educação; Educação a Distância; Formação de professores de Arte.

Artigo recebido em 10/11/2012 e aprovado em 16/12/2012.

¹ Doutoranda em Artes Visuais na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Mae T. B. Barbosa. Mestre em Artes Visuais (IA/UNESP); Especialista em Arte: Ensino e Produção e Licenciada em Artes Plásticas e Educação Artística, pela PUC Campinas. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Padre Anchieta de Jundiaí. Editora-chefe da Revista Digital Art&. Membro da *International Association for Development of the Information Society* - IADIS; Associação dos Arte/Educadores do Estado de São Paulo - AAESP; Federação de Arte/Educadores do Brasil - FAEB; Rede Iberoamericana de Arte Educação, onde é membro do corpo editorial da Revista (In)Visibilidades e da *International Society for Education through Art* - InSEA, onde também é parecerista.

*Artigo apresentado no XXII CONFAEB – Arte /Educação: Corpos em Trânsito, São Paulo, 2012.

Abstract

This reflection is part of the doctoral research project currently being developed in Visual Arts at the School of Communication and Arts, University of São Paulo - ECA /USP, entitled "What is taught and what is learned in the Visual Arts Degrees in the distance?" which aims to conduct critical analysis of training curricula of professional education courses in Visual Arts in Visual Arts degree offered in the distance. Believing that art education should be in line with this contemporary work is the result of studies and reflections on the disciplinary proposals as a basis for building a questioning look at practices in Distance Education in Visual Arts for teacher training. Results of a search, personal and professional investigation of an epistemology of Art Education, Visual Arts, for initial training of teachers, which is based on virtual learning environments and occurs, if not complete, primarily by distance education. The propositions described herein are not intended as an end in itself, but instead are configured as an open dialogue about the propositional multitude of possibilities that the transdisciplinary vision adds to education in general and in particular, practices in education distance to the training of professionals in the arts faculty.

Key words: Art / Education, Distance Education, Transdisciplinary Education.

Introdução

Fato já amplamente discutidos nos fórum e eventos das diversas áreas atingidas, as necessidades cada dia maiores de formação e qualificação profissional na autonomia em relação ao uso das tecnologias digitais de informação e comunicação estão presentes nos cursos de formação superior via educação a distância que, embora não seja exatamente uma novidade, vem ganhando força e muitos novos adeptos à cada ano. Também como já é sabido, de acordo como esta própria pesquisadora em diversos outros trabalhos pôde verificar em diversos outros trabalhos, a área de conhecimento que é o ensino de arte não fica “de fora” desse movimento de popularização e facilitação de acesso à formação e ao conhecimento que as diversas modalidades de educação a distância proporcionam.

As proposições de formação a distância (básica, complementar e continuada) dos profissionais da área de artes vem se multiplicando em um crescente destaque. Esta pesquisa de doutorado vem, já há alguns anos, estudando e tecendo considerações sobre a situação e as possibilidades atuais e futuras do uso da Educação à Distância no Ensino de Artes

Visuais, analisando experiências e, em grande parte da proposição, atuando como agente ativo dos processos.

Considerando os impactos das Tecnologias de Comunicação e Informação no Ensino de Arte, em especial, das Artes Visuais, no cenário da Educação Online atual exige que levantemos variadas hipóteses de investigação, também sobre a formação docente para atuação neste processo: qual o papel do professor; as tecnologias disponíveis; as condições de uso e as possibilidades de ações de avaliação etc.

Não pretende ser um trabalho definitivo, mas, ao contrário um ponto de partida para surgimento de novas possibilidades de articulação do trabalho educacional da formação em arte e da formação de formadores em arte.

O aspecto abordado atualmente pela pesquisa é a revisão teórica de suporte aos questionamentos quanto aos critérios de eficiência e eficácia que vem sendo utilizados para avaliar as iniciativas atuais de formação docente em arte que ocorrem nesta modalidade de ensino. Relembrando trabalhos anteriores, sem esquecer-se de destacar que os professores atualmente em formação irão atuar junto a um público que já nasceu sob a égide tecnológica e é considerado “nativo digital” (SAMPAIO, 2011)².

Para tanto, parte-se de algumas questões: Estão, estes professores, aptos a exercer uma prática reflexiva em seu trabalho docente? Que professores de arte estamos formando nas Licenciaturas em Artes Visuais por EaD?

Desde 1971, pela Lei 5692, a disciplina Educação Artística torna-se parte dos currículos escolares. Ana Mae Barbosa, ao afirmar que:

[...] isto não foi uma conquista de arte/educadores brasileiros, mas uma criação ideológica de educadores norte-americanos que, sob um acordo oficial (Acordo MEC-USAID), reformulou a Educação Brasileira, estabelecendo em 1971 os objetivos e o currículo configurado na Lei Federal nº 5692 denominada "Diretrizes e Bases da Educação" (BARBOSA, 1989).

² Segundo o site “Nativos Digitais são todos aqueles que nasceram com a tecnologia e são fluentes na linguagem digital dos computadores enquanto que Imigrantes Digitais são todos aqueles que falam a linguagem digital, mas que revelam dificuldades em compreender e expressar-se digitalmente.”

Ou seja, mais do que uma simples questão de reserva de mercado para os arte/educadores, uma política educacional específica foi posta em prática, desde os anos 1970, com a concepção de ensino de arte pensada como parte da formação educacional de nossos alunos. Ainda Ana Mae (Idem) nos fala que já em 1988:

[...] a Constituição da Nova República “menciona cinco vezes as artes no que se refere a proteção de obras, liberdade de expressão e identidade nacional. Na Seção sobre educação, artigo 206, parágrafo II, a Constituição determina:

O ensino tomará lugar sobre os seguintes princípios (...). II - liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e disseminar pensamento, arte e conhecimento. (Idem, ibidem)

Neste mesmo texto Ana Mae (1989) ainda questiona a qualidade do ensino de arte nas escolas, afirmando que “*chegamos a 1989 tendo arte-educadores com uma atuação bastante ativa e consciente, mas com uma formação fraca e superficial no que diz respeito ao conhecimento de arte-educação e de arte*”, ou seja, “o que” e “como” a arte é ensinada nas escolas pode ser considerado reflexo direto da formação dos professores de arte.

Com essa visão como base e considerando que, ao longo do tempo, tenham ocorrido mudanças nas concepções de ensino de arte, ora tecnicista, ora sensibilizante e, ainda, como agente transdisciplinar, em 1996 a Nova Lei de Diretrizes e Bases - LDB vem consolidar a justificativa da existência do ensino de arte na escola. Seu artigo § 2º diz que: o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Ou seja, arte é área de conhecimento que corrobora na formação dos indivíduos. Essa visão, ratificada em 1997 pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN que, apesar de apresentarem alguns problemas na sua estrutura, apontam para uma necessária formação consistente, nas respectivas linguagens da arte, para exercício do magistério em arte. É esta formação que se torna, então, ponto central das preocupações deste trabalho.

Tema ainda atual, apesar dos 20 anos passados entre o relatório de Ana Mae Barbosa (1989) e os dias de hoje, a formação dos professores de arte é, ainda, fonte de pesquisas e debates entre os arte/educadores, no sentido de mais e melhor atender às expectativas de

realizar uma formação de qualidade para as futuras gerações. É neste cenário que surgem as propostas de formação profissional e acadêmica por meio da Educação à Distância - EaD. Melhor seria dizer ressurgem, já que a modalidade de aprendizagem à distância não é nova.

No entanto, o fato novo neste cenário é a introdução das Tecnologias Digitais de Comunicação - TIC como ferramenta. O uso desta modalidade é grandemente estimulado com o desenvolvimento de popularização das TIC, no fim dos anos 1990.

Transdisciplinaridade

O 1º Congresso Mundial sobre a Transdisciplinaridade aconteceu no Convento da Arrábida, entre 2 e 6 de Novembro de 1994 sob a organização do físico Basarab Nicolescu, Edgar Morin e Lima de Freitas e com apoio da UNESCO.

Embora não se tenha, ainda, um consenso para o significado de transdisciplinaridade (SANTOS, 2010), pela própria “Carta da Transdisciplinaridade” (MORRIN, NICOLESKU & LIMA DE FREITAS, 1994, artigo 7º) pode-se afirmar que:

...a Transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências” e também “não se constitui num cientismo neopositivista, nem numa ideologia, nem numa nova linguagem e não deve ser um mero hibridismo, uma importação de metáforas (SANTOS, 2010, p.2).

As considerações iniciais da Carta da Transdisciplinaridade são esclarecedoras em si mesmas, e não cabe, neste trabalho, reproduzir tão somente os itens e artigos da carta, porém, esclarecer as bases do pensamento transdisciplinar é imprescindível para dar encaminhamento às reflexões aqui desenvolvidas.

Por vezes a tentativa de importar-se um método de uma disciplina para outra sugere uma *interdisciplinar*, que é vista equivocadamente por alguns como transdisciplinar. Um entendimento particular e possivelmente equivocado, mas certamente raso da transdisciplinaridade, seria o de tentar transformar sua essência em método, pois a

transdisciplinaridade não é uma metodologia, mas sim uma visão de mundo, uma postura em relação ao mundo e, por consequência, às práticas educacionais. E esta:

...visão transdisciplinar está resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o domínio das ciências exatas por seu diálogo e sua reconciliação não somente com as

ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual (MORRIN, NICOLESKU & LIMA DE FREITAS, 1994, artigo 5º).

Ultrapassa, ou melhor, “transpassa” a métodos e metodologias convencionais, regidos por regras duras e inflexíveis e, ainda, restritivas e segmentadoras do conhecimento em disciplinas estanques e:

...a ética transdisciplinar recusa toda a atitude que rejeita o diálogo e a discussão, de qualquer origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política, filosófica. O saber partilhado deve conduzir a uma compreensão partilhada, fundada sobre o respeito absoluto das alteridades unidas por uma vida comum numa única e mesma Terra (MORRIN, NICOLESKU & LIMA DE FREITAS, 1994, artigo 7º).

A visão transdisciplinar vai além dos métodos. Santos (2010, p.2) afirma que a necessidade, cada dia mais viva nos campos dos conhecimentos, de:

...cruzar as fronteiras de sua própria disciplina e estabelecer uma ponte que permita estudar fenômenos que se situam fora e além do âmbito das disciplinas existentes”, “a Transdisciplinaridade não é uma nova disciplina (NICOLESCU, 1994), e “não diz respeito nem ao método (nem, portanto, à transferência do método), nem à justaposição de conhecimentos que fazem parte de uma disciplina já existente” (Idem). É antes “uma atitude rigorosa em relação a tudo o que se encontra no espaço que não pertence a nenhuma disciplina” (Idem, ibidem).

Esta é a visão que colabora e configura o campo da transdisciplinaridade.

Educação a Distância

Sendo a EaD uma forma de comunicação pedagógica não contínua, seja ela unidirecional ou bidirecional (HOLMBERG, 1989, p. 20), é necessário destacar que, no meio educacional, a comunicação é, muitas vezes, encarada como um processo de mão única. Nos

processos educacionais atuais o emissor parece dominar, e isto acontece não apenas na sala de aula, mas também nas escolas e nos sistemas públicos de ensino. A escola, até então vista como sinônimo de livros vê, a situação mudar — e isso também é devido à acessibilidade de novas tecnologias de informação e comunicação (VAN VELZEN, 1998, P. 29). Será que os projetos de cursos de licenciatura em Artes Visuais na modalidade EaD estão realmente assimilando e refletindo estas mudanças?

Na Educação a Distância (EaD) é tida, quase que como um postulado³, a ideia de que esta modalidade se caracteriza por haver distância física e/ou espaço/temporal entre quem ensina e quem aprende. O decreto lei Nº. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, que regulamenta a Educação à Distância (EaD) no Brasil, diz que:

Art. 1º Educação a Distância é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (BRASIL, 1998, p.1).

Ou seja, a Educação a Distância, ou EaD, seria um nome genérico para definir a educação feita sem a presença física de um professor para orientar a aprendizagem [MEC, 2001, P. 1]. Mas isto não quer dizer auto aprendizado ou a eliminação da figura do professor. Na dissertação de mestrado⁴ fiz um levantamento de várias abordagens, das diversas pesquisas existentes e pude destacar que:

3 Na matemática, postulado é um princípio ou fato indemonstrável ou não demonstrado, cuja admissão é necessária para estabelecer uma demonstração. Em muitos contextos os termos postulado e axioma são usados como sinônimos, porém, um axioma é considerado uma verdade evidente que e é aceita como tal mas que ao rigor da palavra não pode ser demonstrado ou provado, é uma verdade absoluta dentro do domínio de sua aplicação; é geralmente derivado de intuição ou de conhecimento empírico, os quais se apoiam em todos os fatos científicos até então conhecidos e relevantes à área em estudo. Já um postulado, por mais que não seja demonstrável, é uma espécie de recorte teórico, no qual se baseiam os encaminhamentos do raciocínio que se segue à admissão deste mesmo postulado.

4 A utilização da linguagem VRML na Educação a Distância em Arte. Dissertação de mestrado. IA/UNESP. 2003. Orientação Prof. Dr. Milton T. Sogabe.

No Brasil, Ivônio Barros Nunes é um dos pesquisadores que há mais tempo vem investigando sobre as possibilidades da EaD. Em 1992 publicou o trabalho *“Pequena Introdução à Educação a Distância”* [...]. É dele a compilação de definições, usada na maioria das pesquisas que tratam do tema EaD, onde destaca Holmberg (1994, APUD NUNES, 1994, p. 7), dizendo que *“o termo educação a distância esconde várias formas de estudo, nos diversos níveis sob contínua e imediata supervisão de tutores”*; Otto Peters (1998, APUD NUNES, 1994, p. 7) que diz ser *“um método racional de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes, através da aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais [...] é uma modalidade de ensino decorrente da era industrial”* e Michael G. Moore (1989, APUD NUNES, 1999, p. 7) diz que o *“ensino a distância pode ser definido como a família de métodos instrucionais onde as ações dos professores são executadas à parte da ação dos alunos”*.

Também é importante destacar as definições de Desmond Keegan (1991, p. 29) que afirma a EaD ser *“um conjunto de estratégias educativas”*; Lorenzo Aretio (1996, p. 10) que a amplia, dizendo que *“é um sistema tecnológico de comunicação bidirecional, que pode ser de massa e que substitui a interação pessoal entre professor e aluno na sala de aula como meio preferencial do ensino, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e pelo apoio de uma organização e tutoria que propiciam a aprendizagem autônoma dos estudantes”*; Jaime Sarramona (1975 APUD TRINDADE, 1997, p.1) que a classifica como uma *“metodologia de ensino em que as tarefas docentes acontecem em um contexto distinto das discentes, de modo que estas são, em relação às primeiras, diferentes no tempo, no espaço ou em ambas as dimensões ao mesmo tempo”*; Dereck Rowntree (1976, p.18), que entende por educação à distância o *“sistema de ensino em que o aluno realiza a maior parte de sua aprendizagem por meio de materiais didáticos previamente preparados, com um escasso contato direto com os professores”*; José Luís Garcia Llamas (1999, p.2) que diz que a EaD é *“uma estratégia educativa baseada na aplicação da tecnologia à aprendizagem, sem limitação do lugar, tempo, ocupação ou idade dos alunos. Implica novos papéis para os alunos e para os professores, novas atitudes e novos enfoques metodológicos”*; e Walter Perry e Greville Rumble (1987, PP. 12) para quem *“a característica da educação a distância é o estabelecimento de uma comunicação de dupla via, na medida em que o professor e o aluno não se encontram juntos na mesma sala, pode ser chamada de: estudo aberto, educação não tradicional, estudo moderno, extensão, estudo por contrato, estudo experimental”* (SAMPAIO-RALHA 1, 2003).

É interessante notar que o termo EaD quase sempre se refere a situações de ensino-aprendizagem nas quais o professor e o(s) aprendiz(es) estão geograficamente separados e, conseqüentemente, se valem de meios eletrônicos e de materiais impressos para a distribuição de conteúdos educacionais. E essa distância vem sendo “superada” pelo uso de diversos recursos no processo. Correspondência troca de material via meios convencionais, mecânicos, eletrônicos e, mais recentemente, digitais têm sido, ao longo do tempo, os principais caminhos usados pelos envolvidos nos processos educacionais que se desenvolvem nesta modalidade para minimizar a falta de contato físico entre as partes envolvidas no processo e

mesmo para a simulação de presença, de ambos. Ainda na referida pesquisa de mestrado, é importante destacar que:

Particularmente, creio que uma das melhores definições de EaD já feitas foi a de Ian Mugridge (1993, PP. 313) que diz que é “uma forma de educação onde, normalmente, há a separação entre professor e aluno e onde são usados meios – escritos e impressos, telefone, conferências por computador ou teleconferência – para criar uma ponte que supra essa distância física⁵, sem esquecer de que, como lembra Eduardo Chaves (2001. p.6), "há uma conexão conceitual entre educação e aprendizagem: não há educação sem que ocorra aprendizagem" e, por mais variantes conceituais que se tenha nos diversos documentos e estudos já feitos sobre a temática, pode-se centrar a definição de EaD em alguns pontos gerais, onde a Educação à Distância é caracterizada pela separação do professor e aluno no espaço e/ou tempo (PERRATON, 1998, p. 34-45); com controle do aprendizado realizado mais intensamente pelo aluno do que pelo instrutor distante (JONASSEN, 1992, APUD SÁ, 2000, p. 33) e pela comunicação entre alunos e professores, que é mediada por documentos impressos ou alguma forma de tecnologia (KEEGAN, 1996, p. 25).. E é importante ainda destacar que, nesta forma de educação, o aluno pode organizar seu próprio aprendizado e estudar segundo o seu próprio ritmo (CIRIGLIANO, 1983, P. 175) e que deste modo, aqueles que trabalham e não têm horário compatível com os rígidos horários escolares; aqueles que têm dificuldades físicas de locomoção e aqueles que querem criar seu próprio programa de estudo poderão encontrar, na educação à distância uma saída eficiente para suas demandas (TODOROV, 1994, p. 5-6), mas o que podemos perceber, no entanto, é que todos os pesquisadores parecem quase unânimes em afirmar que a EaD é uma forma particular de educação, com características próprias.

Entendendo a ideia de estudo com separação de professor e aluno, seja ela espacial ou temporal, vários nomes são usados para se referir a essa forma de aprendizagem. No Reino Unido é chamado de estudo em casa (home study), nos Estados Unidos; estudos externos (external studies), na Austrália; ensino à distância, na Open University do Reino Unido e também, télé-enseignement, em francês; Fernstudium/Fernunterricht, em alemão; educación a distância, em espanhol; e teleeducação, em português (SAMPAIO-RALHA 1).

Moore e Kearsley (2000, APUD MEIGUINS, p. 44) comentam sobre a evolução da EaD, e sua subdivisão em três gerações (Quadro 1), sendo que não há necessariamente a substituição de uma alternativa pela outra, o que acontece é que as novas alternativas vão se incorporando e se ajustando às anteriores, criando assim novos modelos.

5 "A form of education in which there is normally a separation between teacher and learner and thus one in which other means the printed and written word, the telephone, computer conferencing or teleconferencing, for example - are used to bridge the physical gap." Tradução livre, autoral.

Quadro 1: As gerações de ensino a distância

Geração	Início	Características
1ª. ou textual	Até 1970	Estudo por correspondência, no qual o principal meio de comunicação eram materiais impressos, geralmente um guia de estudos, com tarefas e outros exercícios, enviado pelo correio.
2ª. ou analógica	1970	Surgem as primeiras universidades abertas com design e implementação sistematizadas, no formato de cursos à distância, utilizando, além do material impresso, transmissões por televisão aberta, rádio e fitas de áudio e vídeo, com interação por telefone, satélite e TV a cabo.
3ª. ou digital	1990	Essa geração é baseada em redes de conferência por computador e estações de trabalho multimídia.

Fonte: MOORE & KEARSLEY, 2000, APUD MEIGUINS, p. 44

Por esta breve introdução histórica, pode-se perceber que muito tem se estudado e escrito acerca desta abordagem nesta modalidade educacional, porém, ao menos na área de conhecimento de ensino de arte, pouco, ou quase nada tem sido estudado em relação à epistemologia da Educação a Distância (EaD) em Arte.

Os suportes usados, em maior ou menor índice de sucesso, vêm sendo usados para as práticas educativas em EaD, nas diversas áreas de conhecimento. Alguns estudos também apresentam reflexões acerca dos suportes e seus usos na EaD em Arte. Com particular recorte às artes visuais a própria autora deste estudo pesquisa e estuda, desde 1998, diversas possibilidades⁶. Como a realidade virtual, ambientes de simulação 3D e outros, com especial interesse no que é reconhecido como EDMC – Educação a Distância Mediada por Computador. Este conceito foi proposto e firmado pelos professores Maurício Prates e Waldomiro Loyolla (1999, p. 1) em seu trabalho intitulado "*Educação à Distância Mediada por Computador - Uma Proposta Pedagógica*", onde apresentam uma abordagem

6 SAMPAIO-RALHA (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14); SAMPAIO-RALHA & PRATA-LINHARES (1, 2 e 3); SAMPAIO-RALHA, PRATA-LINHARES, MENGALI & PONS; SAMPAIO-RALHA, PRATA-LINHARES & MARTINI; SAMPAIO-RALHA, PRATA-LINHARES, MARTINI & ARAUJO (1, 2, e 3); SAMPAIO-RALHA & ARAUJO; SAMPAIO-RALHA, ARAUJO, SCHULTZE & SANTOS; SAMPAIO-RALHA, ARAUJO, SCHULTZE, SANTOS, PORTELLA, BORGES & PARDO; e SAMPAIO-RALHA, MASSARENTI JUNIOR, SABBATINI, SABBATINI, CARDOSO, S. H., RIBEIRO & ROMANIUC.

metodológica de EaD, totalmente baseada no uso de computadores e da Internet, a qual chamam de EDMC.

Segundo a Prof.^a. Dr^a Liane Taroucco (1998, p. 1), pesquisadora de Redes Telemáticas e educação da UFRGS, as Vantagens da EDMC são:

1. Distribuição do conhecimento em larga escala (para o mundo inteiro).
2. Redução dos custos de distribuição, pois pela Internet não há custos de impressão e transporte.
3. As correções e atualizações são bem mais simples, pois são realizadas em um único site, sendo imediatamente disponibilizado a todos os usuários da Internet.
4. São possíveis diversas técnicas de ensino, tais como texto, imagens, comunicação entre professores, professores e alunos, e entre alunos.
5. A Internet facilita a escrita colaborativa.
6. O aluno tem mais facilidade em dar o seu feedback.

A ampla utilização de EDMC nos dias atuais pode ser explicada por alguns fatores como a redução no preço dos equipamentos de computação; o aumento na velocidade de transmissão dos canais de comunicação; a redução dos custos de utilização das redes, como a Internet, com informações que podem ser acessadas em qualquer parte do mundo de modo mais rápido, a possibilidade de interação mais consistente entre alunos e professor e a grande variedade de ferramentas para comunicação em tempo real (MEIGUINS, 1999, p. 55-56).

É certo que EaD não é a solução de todos os problemas da Educação, mas, também é certo que não pode ser entendida somente, como uma sucessão da educação presencial, pois sua função é, além de aumentar o acesso ao conhecimento, a de concretamente realizar-se como uma prática significativa e consequente em relação aos princípios de qualquer projeto pedagógico: “*a busca da autonomia, o respeito à liberdade e à razão*” (LOBO NETO, 2000, p.1).

Tentando ser ou parecer "modernos"⁷, alguns programas de formação, mesmo usando suportes até mesmo tecnologicamente sofisticados, se sustentam em suportes e teorias "congelados" na pós-modernidade, sem conseguir sequer se colocar diante das situações de ensino-aprendizagem proporcionadas pela contemporaneidade.

⁷ No sentido popular do termo, equivalente a "atual".

Depois de muito investigar e pesquisar sobre a modalidade e os suportes surgiram, ao longo dos anos seguintes à pesquisa, inquietações quanto ao que possam ser considerados bons princípios de projetos pedagógicos em EaD, em especial em EaD em Artes Visuais.

O que se mostrou como “evolução natural⁸” dos estudos desta pesquisa foi o interesse pelos desdobramentos no uso dessas possibilidades tecnológicas e suas consequências, encaminhando o processo de pesquisa para a área epistemológica, como necessidade evidente, a fim de proporcionar novas reflexões que venham sustentar possíveis proposições e possíveis caminhos a serem vivenciados nas práticas educativas experienciadas e sustentadas, através e nesses suportes.

Desta forma, esse estudo de sistematização das reflexões ocorridas no período pós-mestrado até o presente, de doutoramento, com recorte teórico pontual, como reflexo das pesquisas embasadas nas proposições e teorias transdisciplinares, pelo viés da educação, desdobrando-se em projeção para uso e práticas em EaD em Artes Visuais busca refletir acerca de uma epistemologia do Ensino da Arte para a formação inicial de professores que se baseie em ambientes virtuais de aprendizagem e ocorre, se não totalmente, prioritariamente por EaD.

EaD em Artes Visuais

Os primeiros trabalhos a questionarem as possibilidades de ensino de arte com uso da tecnologia como suporte datam dos fins dos anos de 1990 e início dos anos 2000. Em diversas propostas de pesquisa a Profa. Dra. Maria Cristina Biazus, da UFRGS que, desde 1994 destaca-se como uma das pioneiras⁹ no questionamento do uso das TIC como ferramentas

8 Nenhuma referência ao evolucionismo Darwinista, apenas uma frase da linguagem vulgar para sinalizar que o caminho transcorreu de forma pouco planejada e quase espontânea devido aos estudos anteriores.

9 Ver Ambiente de Realidade Virtual Cooperativo de Aprendizagem – ARCA. Disponível em . O projeto ARCA busca o desenvolvimento de um ambiente de ensino aprendizagem que, apoiado pela Internet, possa atuar como instrumento no auxílio à uma prática pedagógica diferenciada.

para o aprendizado da arte, com destaque para as oficinas virtuais e, atualmente, com investigações sobre interação com interfaces e o uso do ambiente virtual *Second Life*¹⁰ na educação superior em arte. Pesquisa também pioneira que trabalha os aspectos educacionais que envolvem aspectos cognitivos e subjetivos, além das potencialidades técnicas, onde objetivo não é replicar aulas expositivas e palestras no *Second Life*, mas expandir este ambiente virtual 3D através de *Webcams* e facilidades de vídeo *streaming* para aumentar a comunicação bem como os processos de colaboração artística *online*.

Em 2003, em pesquisa de mestrado¹¹ em Artes Visuais, iniciada em 2000 e desenvolvida no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, mesmo acreditando no uso de mundos virtuais como possibilidades interessantes de solução para os problemas de simulação de presença em EaD (Diferenciada na pesquisa como EDMC – Educação a Distância Mediada por Computador (VIEIRA, 1998), visto que EaD engloba uma gama imensa de possibilidades e, INCLUSIVE, o uso de computadores) e para contemplar os aspectos tridimensionais do ensino de arte, constatei a inviabilidade de, na época, testar a aplicação prática da proposta de utilização de Realidade Virtual (RV) para Educação à Distância em Arte, tema da dissertação, por verificar o desconhecimento dessa tecnologia pela quase totalidade dos 148 professores entrevistados para o estudo (Figura 01). No mesmo trabalho, os resultados da pesquisa de campo já apontaram para a questão fundamental: “*será que os profissionais que estão desenvolvendo EDMC estão capacitados e habilitados para isso?*”. Como argumentar junto às IES que oferecem os cursos de licenciatura nesta modalidade sobre recursos mais ou menos adequados aos objetivos propostos se são desconhecidos os fundamentos desses recursos? Enfim, como fazer EaD sem conhecer EaD?

10 O *Second Life* é um simulador da vida real, em um mundo virtual totalmente 3D, onde os limites de interação com o game vão além da sua criatividade. Nele, além de interagir com jogadores de todo o mundo em tempo real, é possível também criar seus próprios objetos, negócios e até mesmo personalizar completamente seu avatar, tudo em modelagem 3D.

11 Disponível em <http://www.jurema-sampaio.pro.br/academicos.htm#6>.

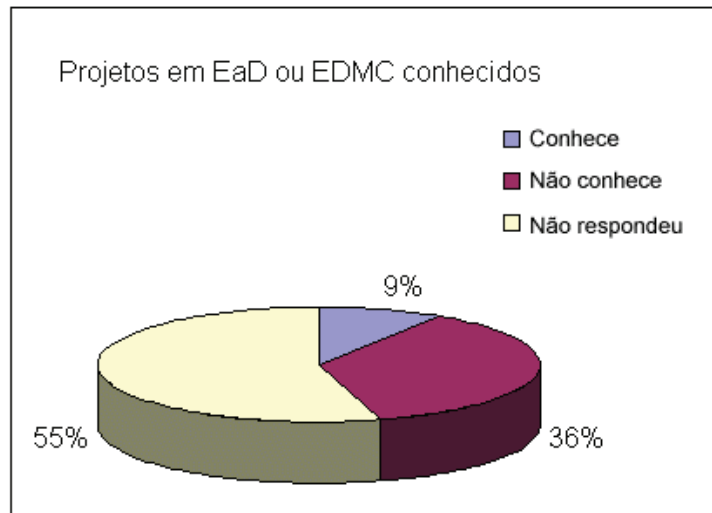


Figura 01. Gráfico que ilustra o desconhecimento das possibilidades tecnológicas e da EaD em 2003, segundo a pesquisa Uso de Realidade Virtual por VRML para Educação a Distância em Arte.

Na ocasião da pesquisa não foram, também, encontradas efetivadas nenhuma iniciativa de formação em licenciatura em arte/educação por EaD em Artes Visuais, inclusive e, no caso da pesquisa em questão.

Desta data até hoje muitas iniciativas foram surgindo, pontuais, porém de abrangência significativa no que trata, principalmente, de contingente de formandos por esta modalidade, embora ainda sejam relativamente poucos os cursos de artes nesta modalidade segundo o Prof. Dr. Afonso Medeiros, em sua fala no Congresso da Federação de arte/educadores do Brasil de 2010:

[...] nosso país tem atualmente 607 cursos superiores credenciados na área de artes (dados de 2010 do e-Mec), dos quais se presume que cerca de 1/3 (pouco mais de 200) são Licenciaturas. Para efeito de credenciamento e avaliação, o Ministério da Educação considera cada habilitação/especialidade como um curso. Desses 607 cursos/habilitações, 189 são de Música, 185 de Artes Visuais, 97 de Artes, 43 de Cinema e Audiovisual, 34 de Artes Cênicas, 33 de Teatro e 26 de Dança. Portanto, só com esses números, podemos perceber que na área em que atuamos, as discrepâncias são mais visíveis e gritantes. Se Música e Artes Visuais adquiriram capilaridade, Cinema, Teatro e Dança ainda estão muito aquém da quantidade e da distribuição desejável em todo o país.

[...] A média nacional é de um curso de arte para cada grupo de 322.889 habitantes.

[...] O potencial da educação à distância, tão alardeado nos últimos anos, ainda não reverberou suficientemente nas artes, dado que atualmente só existem 21 cursos à distância credenciados na área de artes em todo o Brasil. (MEDEIROS, 2010, p.92).

Fernanda Cunha (2008) denominou como e-Arte/Educação trata do ensino de arte englobando o universo digital. Ou seja, a e-Arte/Educação fala de, e investiga o modo de ensinar arte englobando a produção digital em arte, usando das ferramentas desse tipo de linguagem (digital) para aplicar o que chama de “ações mentais” (e-fazer, e-ler e e-contextualizar), ou Sistema Triangular Digital, numa alusão direta a leitura/aplicação da Abordagem Triangular. Cunha (2010) acredita que o estímulo aos processos mentais metalinguisticamente está no centro epistemológico do desenvolvimento da capacidade cognitiva (e, portanto, perceptiva) da fluência digital crítica, o que constitui o que chama de “Sistema Triangular Digital, considerando que, *“saber pensar e se expressar metalinguisticamente é ter fluência digital – pensamento digital”*”, afirma, ainda, que o *“Sistema Triangular Digital está embasado nas ações mentais que estão imbricadas nos códigos metalinguísticos da cultura digital”*.

O que Sheila Campelo (2010) chama de “*cibereducação em arte*”, tendo o projeto Arteduca como referência/exemplo de suas preocupações de pesquisa, trata da EaD em arte para formação continuada, ou seja, pós-graduação, se baseia na busca de uma metodologia para a arte/educação na web, e objetiva em acompanhar os desdobramentos dessa pós-graduação e acompanhar seus naturais desdobramentos nas práticas de seus egressos.

Porém, ainda assim, nem uma, nem outra proposta de estudos abordam a questão da formação inicial de professores de artes visuais por EaD, que se encontra descoberta de qualquer proposição efetivamente desenvolvida/pensada para as relações entre suportes e epistemologia do ensino da arte, no ciberespaço, web-mediada.

A Transdisciplinaridade e a EaD em Artes Visuais

Uma das metas do ensino de arte é “*o desenvolvimento da disposição de apreciar obras de arte*”, onde dois fatores têm grande influência nesta busca: “*A disposição de apreciar a excelência nas artes em função da experiência maior que a arte é capaz de proporcionar*”, (SMITH, 2001, p. 99) e que cursos de arte “*consistentes*” incluem o fazer

artístico e as elaborações “*sensíveis-cognitivas*” em suas propostas [e essas elaborações são construídas, principalmente pela apreciação artística] (FUSARI e FERRAZ, 1993, p. 70), mas, conhecer arte, segundo Ana Mae Barbosa (1996, P. 31-32), implica um conhecimento que se organiza “*interrelacionando o fazer artístico, a apreciação da arte e a história da arte*”. Ressaltando que nenhuma das três áreas, sozinha, representa o que chama de “*epistemologia da arte*” (BARBOSA, 1996, P. 34).

A abordagem Triangular¹², de Ana Mae Barbosa, revista recentemente em livro organizado pela própria autora, em coautoria com Fernanda Cunha (BARBOSA & CUNHA, 2010), e reafirmada como uma visão (com seus três fundamentos: Fazer, ler e contextualizar a arte), e não uma metodologia, pensada como um modo de orientar o caminho do professor de arte e não de ser uma receita a ser seguida; numa relação possível com os princípios transdisciplinares pode ser vista como paralela à visão transdisciplinar, também apoiada em três elementos (os níveis de Realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade).

A educação transdisciplinar revaloriza o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos (SANTOS, 2010, p. 3). O artigo 11 ° da Carta da Transdisciplinaridade diz que:

Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão do conhecimento (MORRIN, NICOLESKU & LIMA DE FREITAS, 2010, artigo11°).

Os autores da *Carta da transdisciplinaridade* (1994) afirmam que “*a transdisciplinaridade não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa*”. Segundo Mariotti (2005), realidade é aquilo que se percebe objetiva e subjetivamente, é o que se observa, o que se sente e o que se pensa em relação ao que se observa. Assim, a realidade vivenciada por meio das ferramentas e do ciberespaço também é o que se percebe objetiva e subjetivamente neste espaço não material,

12 Ana Mae Barbosa é a autora da proposição denominada

desterritorializado, mas não desprovido de significados e de potenciais experiências a serem vivenciadas. Pedro Nunes Filho (2003) diz que: os sistemas hipermídia¹³ apresentam características dinâmicas em termos de construção significante, disseminação de conhecimentos e produção de sentidos que Diferem dos processos midiáticos que precedem os suportes digitais. E para Nicholas Negroponte:

A hipermídia é um desenvolvimento do hipertexto, designando a narrativa com alto grau de interconexão, a informação vinculada (...) Pense na hipermídia como uma coletânea de mensagens elásticas que podem ser esticadas ou encolhidas de acordo com as ações do leitor. As ideias podem ser abertas ou analisadas com múltiplos níveis de detalhamento. (NEGROPONTE, 1995)

As propostas de EaD em Artes Visuais para formação de professores até agora conhecidas simplesmente reproduzem os currículos e formações presenciais, de modo virtualizado, apoiadas em suportes digitais, porém, em grande maioria, subutilizando as potencialidades dos “múltiplos níveis de detalhamento” de Negroponte (1995), ao que parece, em grande parte, por falta de embasamento teórico epistemológico nesta modalidade.

Salas de aula são reproduzidas em Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA, conteúdos, tarefas e exigências niveladoras de atividades, infelizmente muitas vezes síncronas, assim como na educação presencial, desconsiderando as principais “vantagens” da EaD, procurando (segundo declaram) “superar” o que chamam de “deficiências”, que os estudiosos chamam tão somente de características, desconsiderando mesmo o “lugar” virtual e suas particularidades.

Busca-se uma “única e certa metodologia” para EaD em Artes Visuais, e não uma epistemologia neste sentido. Buscam-se “receitas” de “como fazer”, porém mantendo a mesma visão “tradicional” de educação, trocando o suporte (de material para digital) e mantendo a mentalidade linear, mesmo num espaço essencialmente não-linear, configurado rizomaticamente, em rede.

13 “O principal traço do que podemos denominar hipermídia é a conjunção básica de três elementos que se associam a outros: imaterialidade, interatividade e velocidade” (NUNES FILHO, 2003).

Algumas propostas interessantes de formação de professores de arte, como a A/R/Tografia, de Rita Irwin, que entende a atuação do professor como um ser multifacetado que é, ao mesmo tempo artista-pesquisador-professor (artist-researcher-teacher/) (IRWIN, 2008) e a de Fábio Rodrigues (2010), que vê a Didática das Artes Visuais, concebida como: “não dizer ao futuro professor como ensinar, mas mediar seu caminho para ele conhecer, aprender e compreender as pedagogias contemporâneas e seus modos educativos” para o que chama de “(re)conceituação dos currículos [...] que começa pela aceitação do professor como pesquisador e que, a partir dessa perspectiva se (re)contextualiza tendo nos pressupostos da pesquisa qualitativa suas principais ferramentas (RODRIGUES, 2010) trazem perspectivas que se não são transdisciplinares em essência, dialogam com essas ideias. Porém ainda não são aplicadas à EaD em artes visuais.

Considerações Finais

Venho desenvolvendo a ideia de que as proposições neorrenascentistas (SHNEIDERMAN, 2006), somadas às preocupações levantadas pela A/R/Tografia e apoiadas pela visão transdisciplinar da educação como um possível caminho para a EaD em Artes Visuais, pela compreensão dos necessários desdobramentos da contemporaneidade, em níveis de conhecimentos. É uma proposição de ensino-aprendizagem que envolve educação, educação a distância, educação e tecnologia, arte, arte/educação, tecnologia e informação, web, redes etc. onde tantos e tão variados conceitos e conhecimentos se interrelacionam, em todo momento, todo tempo, somados ao todo de percepções do “ator” desse processo de aprendizagem e toda sua bagagem individual e sócio cultural.

O estágio atual desta pesquisa é a análise bibliográfica de três propostas de cursos de licenciatura oferecidos no Brasil. Em nenhum deles foi encontrada qualquer referência às possibilidades dos desdobramentos da transdisciplinaridade, porém a construção do instrumento de investigação a ser aplicado em forma de entrevistas junto a egressos desses

cursos pretende investigar se a prática, ao contrário da teoria contida nos programas, proporcionou alguma experiência neste sentido.

Referências Bibliográficas

ARETIO, L.G. Educación a distancia hoy. Madrid: UNED, 1994. APUD IBÁNEZ, R. M. **A Educação à Distância: Suas modalidades e economia.** Tradução de Ivana de Mello Medeiros e Ana de Lourdes Barbosa Castro. Rio de Janeiro: UCB, 1996. P.10.

BARBOSA, A.M.T.B. e CUNHA, F.P. (Org.) **Abordagem triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais.** São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos.** 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. (Org.). **História da Arte-educação.** A experiência de Brasília. I Simpósio Internacional da arte-educação. ECA/USP. São Paulo:Max Limonad, 1989.

_____. **A imagem no ensino da arte.** São Paulo: Perspectiva, 1996. Série Estudos, 2ª Ed. Reimpressão.

BELLONI, M.L. **Educação a distância.** Campinas: Autores Associados, 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Brasília, 1999.

_____. Ministério da Educação. **Regulamentação da EaD no Brasil.** Acesso em 13 de outubro de 2001. Disponível em <<http://www.mec.gov.br>>.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Artes Visuais.** Resolução N° 1, de 16 de janeiro de 2009. Acesso em 13 de outubro de 2001. Disponível em <<http://www.mec.gov.br>>.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica.** Resolução CNE/CP N° 1, de 18 de fevereiro de 2002. Acesso em 13 de outubro de 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf>.

____. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. **Educação à distância**. Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Acesso em 03 de dezembro de 2000. Disponível em <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/decreto/d_2.494.doc>.

____. Ministério da Cultura. **Nuvem de Tags**. Acesso em 13 de outubro de 2001. Disponível em <<http://www.cultura.gov.br/site/o-que-e-nuvem-de-tags>>.

____. **Universidade Aberta do Brasil - UAB**. Acesso em 01 de maio de 2012. Disponível em <http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6:o-que-e&catid=6:sobre&Itemid=18>.

____. **Decreto Nº 5.800**, de junho de 2006. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB. Acesso em 01 de maio de 2012. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm>.

CALLEGARO, T. Ensino da Arte na internet: contexto e pontuações. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2007. Cap. 12. p. 139-49.

____. **O Ensino de Arte no ciberespaço**: a proposta metodológica do curso Arteduca. In: BARBOSA, A.M.T.B. & CUNHA, F.P. (Org.). **Abordagem triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. PP. 381-409.

CASTRO, C.M. **A difícil escalada no rumo da universidade**. Planejamento e desenvolvimento. Brasília. V. I, n. 10, p. 12-15, abr. 1974.

CHAVES, E. **"Ensino à distância: Conceitos Básicos"**. Acesso em 16 de março de 2001.

CIRIGLIANO, M. **Dinâmica de Grupos Y Educación**: Fundamentos Y Tecnicas. Edifícios Administrativos. V.11. OIT, C 1983. 175.

CUNHA, F.P. E-Arte/Educação crítica. In: BARBOSA, A.M.T.B. & CUNHA, F.P. (Org.) **Abordagem triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. PP. 259-281

____. **Cultura Digital na e-Arte/Educação**: Educação Digital Crítica. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2008.

CUNHA, F.P. (Org.) **Abordagem triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. PP. 125-140.

FUSARI, M.F.R. e FERRAZ, M.H.C.T. **Arte na educação escolar**. São Paulo:Cortez, 1993. 2ª edição, revisada.

HOLMBERG, B. **Status and Trends of Distance Education**. 2nd Edition. Sweden:Sector Publishing, 1985. In: Revista Iberoamericana de Educación Superior a Distancia. V. I, Nº. 3, junho de 1989.

IRWIN, R. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In BARBOSA, A.M.T.B. 7& AMARAL, L. **Interterritorialidade**. Mídias, contextos e educação. São Paulo: SESCSP/SENAC, 2008.

KEEGAN, D.J. Foundations of distance education. 2a.ed. Londres: Routledge, 1996, P. 11. APUD NUNES, I.B. **Noções de educação à distância**. In: Revista Educação a Distância. N.º. 4 e 5, Dez./93-Abr/94 Brasília, Instituto Nacional de Educação a Distância, PP. 7-25. Acesso em 29 de Novembro de 1999. Disponível em <<http://www.intelecto.net/ead/ivonio1.html>>.

LLAMAS, J.L.G. **Educação à distância**: conceituação. Acesso em 23 de maio de 1999.

LOBO NETO, F.J.S. **Educação a distância**: regulamentação, condições de êxito e perspectivas. Acesso em 03 de dezembro de 2000. Disponível em <http://www.intelecto.net/ead_textos/lobo1.htm>.

MARIOTTI, H. **Os operadores cognitivos do pensamento complexo**. Acesso em 24 de setembro de 2009. Disponível em <<http://www.geocities.com/pluriversu>>.

MEDEIROS, A. **Formação e qualificação dos arte-educadores no Brasil**: caminhos e descaminhos. In: Anais do 20º Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil , ConFAEB. Goiânia, Nov. 2010. P. 86-104. CD ROM.

MOORE, M. e KEARSLEY, G. **Distance Education - A System view**. Califórnia-USA: Wadsworth Publishing, 1996.

MORRIN, E.; NICOLESKU, B. & LIMA DE FREITAS. **Carta da Transdisciplinaridade**. Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 novembro, 1994. Acesso em 26 de junho de 2010. Disponível em <http://www.universidadedoespirito.org/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=48&Itemid=66>.

MUGRIDGE, I. **Collaboration in Distance Education**. Oxford:Routledge, 1993.

NUNES, I.B. "Pequena Introdução à Educação a Distância". In: **Educação a Distância**. nº. 1, junho/92, Brasília, INED.

_____. "Noções de Educação a distância". In: **Revista Educação a distância**. N. 4-5, Dez./93-Abr/94 Brasília, Instituto Nacional de Educação a Distância, PP. 7-25. Acesso em 29 de Novembro de 1999. Disponível em <<http://www.intelecto.net/ead/ivonio1.html>>.

NUNES FILHO, P. Processos de Significação hipermídia, ciberespaço e publicações digitais. In: Fórum Mídia 6. **Revista do Curso de Comunicação Social - ISPV - ESEV**. V. 1. N. 6. 2003. IPV - Instituto Politécnico de Viseu. Acesso em 19 de junho de 2011. Disponível em <<http://www.ipv.pt/forumedia/6/default.htm>>.

NEGROPONTE, N. **A Vida Digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NICOLESCU, B. A Visão do que há Entre e Além, entrevista a Antónia de Sousa In: **Diário de Notícias**, Caderno Cultura, Lisboa, 3 de Fevereiro de 1994, pp. 2-3.

OTT, R. "Ensinando Crítica nos Museus". In: BARBOSA, A. M. (Org.) **Arte-Educação: Leitura no subsolo**. 3º. Edição. São Paulo:Cortez, 2001. PP. 113-141.

PERRATON, H. A theory for distance education. In: SEWART, KEEGAN, & HOLMBERG (ed.). **Distance education: International perspectives**. New York:Routledge, 1988. P. 34-45.

PERRY, W. e RUMBLE, G. **A Short Guide to Distance Education**. Cambridge:International Extension College, 1987. Acesso em 9 de junho de 1999. Disponível em <<http://wbweb5.worldbank.org/disted/Management/Operations/sch-03.html>>.

RODRIGUES, F. Das utopias à realidade: é possível uma didática específica para a formação inicial do professor de artes visuais? In: BARBOSA, A.M.T.B. 7 CUNHA, F.P. (Org.) **Abordagem triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. PP. 125-140.

SAMPAIO, H. **Evolução do ensino superior brasileiro, 1908 – 1990**. NUPES, USP, 1991.

SAMPAIO-RALHA, J.L.F. **A utilização da linguagem VRML na Educação a Distância em Arte**. Dissertação de mestrado. IA/UNESP. 2003. Orientação Prof. Dr. Milton T. Sogabe. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bia/33004013063P4/2003/ralha_jlfs_me_ia.pdf>.

_____. Você sabe o que é Virtual? In: **Revista de Comunicação da FACOM**. FAAP, v. 7, p. 22-25, 2000.

_____. Comunidades Virtuais - O que é, para que serve, porque usar; como usar e como não usar. In: MORAES, Ubirajara C.. (Org.). **Tecnologias Educacionais e Aprendizagem:**

Estratégias no uso dos recursos Digitais. 1 ed. São Paulo: Livro Pronto, 2007, v. 1, p. 167-182.

_____. O que se ensina e o que se aprende nas licenciaturas em artes visuais a distância? In: **Anais do 20º. ConFAEB - Congresso da Federação dos Arte/Educadores do Brasil.** Goiânia: UFG, 2010. v. 1. p. 2241-2251.

_____. NARRATIVA - O que se ensina e o que se aprende nas licenciaturas em artes visuais a distância? **Anais do 21º. ConFAEB - Congresso da Federação dos Arte/Educadores do Brasil.** São Luiz: UFMA, 2011.

_____. Educação a distância em arte: Licenciatura a distância. Professores, tutores, etc.: Formação para Lecionar arte em ambiente virtual. Atividades presenciais: Obrigatórias? Necessárias? Tecnologias digitais e uso pedagógico em arte. In: **Congresso Ibero-Americano de Educação Artística: Sentidos Transibéricos**, 2008, Beja. Anais do Congresso Sentidos Transibéricos. Beja: APECV - Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, 2008. v. 1. p. 1.

_____. Novas Tecnologias e o Professor de Educação Artística. In: **II Whorkshop Sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais**, 1998, Campinas. Atas do II Workshop sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais. Campinas: Unicamp. v. único. p. 37-38.

SANTOS, R.P. Transdisciplinaridade. In: **Miniweb**. Acesso em 26 de junho de 2010. Disponível em <http://www.miniweb.com.br/educadores/artigos/pdf/transdisciplinaridade.pdf>.

SARRAMONA, J. La enseñanza a distancia, posibilidades y desarrollo actual. Barcelona:CEAC, 1975. APUD TRINDADE, A. R. **Fundamentos da Educação a Distância: O panorama conceitual da Educação a distância.** Mimeo, 1997.

SHNEIDERMAN, B. **O laptop de Leonardo.** Como o novo Renascimento já está mudando a sua vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SMITH, R. “Excelência no Ensino da Arte”. In: BARBOSA, A.M. (Org.) **Arte-Educação: Leitura no subsolo.** 3º. Edição. São Paulo:Cortez, 2001. PP. 97-109.

VIEIRA, M.B. **Uma Proposta de Educação a Distância Mediada por Computador (EDMC) para Cursos de Graduação.** Tese de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Informática. Campinas/SP, dezembro de 1998.